

ANTONIO ROQUE DECHEN

# EXCELÊNCIA PARA UM MUNDO MELHOR

**Para aqueles que imaginam que o ciclo das novas tecnologias, que garantiram o aumento da produtividade no campo nas duas últimas décadas, já terminou, o diretor da Esalq/USP avisa que a fronteira do conhecimento agropecuário ainda tem muito caminho a ser trilhado: “A agricultura ainda não explora a quantidade de conhecimento disponível”**

Se Antonio Roque Dechen é categórico sobre a capacidade da pesquisa agrícola brasileira em lançar novas tecnologias, ele lembra que, no terceiro milênio, a agricultura estará envolvida com imensos desafios. “São problemas como a escassez da água, o processo do resgate de carbono e o aquecimento global. Assim como a pesquisa foi decisiva para a melhoria da produtividade agropecuária, ela terá um papel crucial para a qualidade do meio ambiente”. É com esse desafio bem claro que Roque Dechen assume a direção de uma das faculdades de agricultura pioneiras no país. A Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Esalq/USP, em Piracicaba, SP, fundada em 1901, já formou cerca de 10 mil engenheiros de ciências agrárias – o próprio Roque Dechen integrou a turma de 1973. Entre 1975 e 1981, ele foi pesquisador científico do Instituto Agrônomo de Campinas, IAC. De volta à faculdade em Piracicaba, desde 1981 leciona a disciplina Nutrição Mineral de Plantas no Departamento de Ciência do Solo. Ele também presidiu a Comissão de Cultura e Extensão Universitária e a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, Fealq, por nove anos, e chegou à vice-diretoria da instituição. Entre prêmios e homenagens, recebeu a Medalha Fernando Costa, da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, Aeasp, o Prêmio *Franz Wilhelm Dafert*, na área de Fertilidade do Solo, o Mérito Científico e Tecnológico do Governo do Estado de São Paulo e o Mérito do Sistema Confea-Crea. Na área de pesquisa, publicou 10 livros e 71 artigos científicos.

**Pan rural** – Superado o pior momento da crise, resta a dúvida: o agronegócio brasileiro é realmente competitivo?

**Dechen** – Dependendo do olhar, sim; dependendo do olhar, não. Havendo demanda de alimentos no mercado, nós somos competitivos. Mas havendo excesso de oferta de comida, nós podemos ser marginalizados por esse mesmo mercado, em função de fatores como qualidade e certificações dos nossos produtos. Dependendo

das barreiras que nos colocarem, isso afetará muito a nossa competitividade.

**Pan rural** – De que forma?

**Dechen** – Por exemplo, quando vemos uma norma da ONU determinando que o respeito ao ambiente tem que fazer parte do sistema produtivo. Será que todo o sistema produtivo no país responde positivamente a essa questão? Dentro de uma mesma cultura, temos produtores de primeira linha, que respeitam todas as normas nacionais e internacionais. Mas temos também aqueles que produzem para sua subsistência e não têm esse mesmo foco na qualidade. Portanto, temos que direcionar o que é o sistema produtivo e competitivo, aquela agricultura de alta escala, mas também o que é a nossa demanda interna, pois nós temos também um grande segmento da agricultura familiar, em pequenas propriedades, importante para as comunidades e dirigido ao mercado local.

**Pan rural** – É possível definir qual delas é prioritária?

**Dechen** – A demanda por alimentos é cada vez mais sofisticada. Essa é uma característica do próprio processo evolutivo. Veja-se a possibilidade de escolha de produtos num supermercado: hoje, temos variedades de frutas e de hortaliças classificadas por tamanho, coloração e qualidade – logicamente, existe uma parte da população que não tem muita escolha, que vai comprar a fração mais barata. Mas os supermercados atendem consumidores segundo o perfil de escolha do produto. Da mesma forma é o procedimento internacional da comercialização. Se o nosso partner, a empresa que está comprando o produto, tem a possibilidade de escolher, ele não vai fazê-lo segundo o porte de agricultor que forneceu a matéria-prima, e sim pelo produto que atenda à sua demanda e que tenha uma norma, uma qualificação.

**Pan rural** – Ou seja, não basta ter quantidade, se não houver garantia da qualidade.

**Dechen** – Veja, a Esalq está trabalhando juntamente com a Abag, Associação Brasileira de Agribusiness, no projeto Qualiagro. O objetivo é aprimorar a qualidade do segmento produtivo segundo as definições das diversas normas nacionais e internacionais. Isso inclui todos os tipos de barreiras, como barreiras técnicas, que são colocadas nas mesas de negociações. E nesse aspecto o país realmente está muito desprotegido. Corremos o risco de ter uma grande produção e, se essa produção não tiver uma certificação, se não disser qual é a origem e quais são os elementos que estiveram envolvidos na produção, vamos estar muito frágeis ante qualquer barreira técnica que nos seja imposta.

**Panrural** – Mas, quando a própria ONU alerta sobre a projeção do aumento da demanda básica por proteínas e o risco de faltar alimentos, fatos que orientam a disputa internacional dos grandes produtores agrícolas, o Brasil é competitivo?

**Dechen** – Sem dúvida, o Brasil é muito competitivo. Nós temos já exemplos recentes de capacidade produtiva, e uma dela é a exploração do Cerrado. E temos uma capacidade muito grande de expandir a produção sem precisar abrir novas áreas, com o uso de tecnologia e o manejo das culturas. Eu acho que esse é o ponto primordial: através das universidades, institutos de pesquisas e procedimentos de extensão rural, temos capacidade de formar e qualificar os produtores. E existe uma demanda muito grande do segmento produtivo pelo conhecimento.

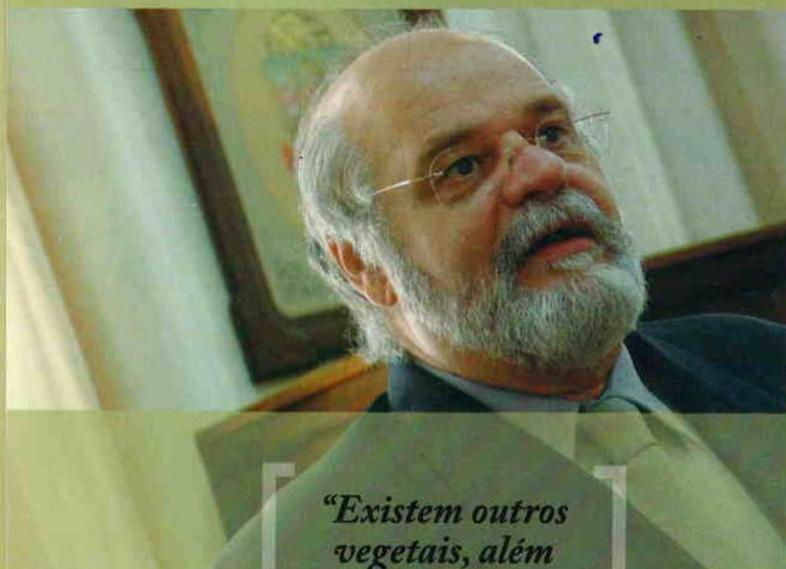
**Panrural** – Sendo um cientista que há tantos anos trabalha em pesquisa e transferência de conhecimento, o senhor não tem a sensação de que há pouca coisa ainda a se fazer em termos de novas descobertas? Isto é, que a chamada “malha do conhecimento” já se definiu de tal forma que, daqui para frente, os ganhos virão somente pela área política?

**Dechen** – Eu penso que a agricultura ainda não explora a quantidade de conhecimento disponível. E para aqueles que estão envolvidos com conhecimento, essa é uma vantagem enorme, porque, a partir do momento que você descobre uma nova variedade, já está pensando em uma outra, com uma característica superior. E esse é um processo contínuo do saber; é a paixão por fazer algo melhor. Por exemplo, nós passamos da melhoria das variedades de milho por cruzamentos para a biotecnologia. Todos os anos são lançadas inúmeras variedades; quando se considera que se atingiu a última fronteira, de repente muda a arquitetura da folhagem que melhora o processo fotossintético e aumenta a produção. Isso faz parte do instinto do pesquisador e também do professor, de difundir esses conhecimentos aos futuros profissionais. Além disso, há os ajustes ambientais e as novas legislações. A escassez da água, o processo do resgate de carbono e o aquecimento global são desafios com os quais a agricultura sempre vai estar envolvida. Para esses novos desafios, a pesquisa tem um papel importantíssimo.

**Panrural** – Dez anos atrás, quando o Brasil produzia cerca de 45 milhões de toneladas de grãos, especialistas afirmavam que o país tinha potencial para dobrar a safra, isto é, chegar a 90 milhões. Hoje, quando o país produz 120 milhões de toneladas, a pergunta é: o conhecimen-



*“Temos capacidade expandir a produção sem abrir novas áreas, apenas com tecnologia e manejo das culturas”*



*“Existem outros vegetais, além da cana, mas quando se fala em produção de óleos energéticos é preciso ter alta escala”*

to e as tecnologias criadas nesses anos permitem dobrar novamente a produção?

**Dechen** – É possível se produzir mais, além desses 120 milhões de toneladas de grãos, e destaque-se ainda a produção energética, a produção calórica, com a cana-de-açúcar, por exemplo. Temos também as culturas perenes, como café e frutas, e ainda os hortigranjeiros. É possível aumentar a produção, mas o que eu vejo como muito importante é uma definição da política agrícola. O problema é que a tendência é sempre aquela: “O que se está consumindo bastante é o que está no mercado internacional? Então é isso que nós vamos produzir”.

**Pan rural** – Então, não basta viabilizar a produção, mas tornar a atividade rentável.

**Dechen** – Exato. Ao mesmo tempo em que podemos ampliar a escala de produção de grãos, o Brasil precisa pensar na agregação de valor a seus produtos. O que nós temos hoje é uma grande venda da produção in natura e, quando outros países compram essa produção, eles ganham agregando valores. Alguns países não plantam café, mas são os maiores negociadores mundiais de café. O Brasil precisa, também, aprender essa política de gestão da sua riqueza agrícola.

**Pan rural** – Esse não seria um desafio maior do que aumentar a escala?

**Dechen** – É um desafio complicado, mas nós temos segmentos empresariais que entendem o problema e investem nisso. Ocorre que, enquanto existe demanda para

a produção, a preocupação em agregar valor é secundária. Mas vai chegar o momento em que teremos que começar a realmente competir nesse campo.

**Pan rural** – A recente visita do presidente norte-americano George W. Bush e o potencial que se tem projetado para a demanda mundial pelo etanol acenderam a polêmica sobre o risco da cana-de-açúcar se tornar uma monocultura. Quais são as perspectivas de mercado para os biocombustíveis feitos a partir de outros vegetais?

**Dechen** – Existe mercado para outros vegetais no processo de produção de óleos energéticos. Mas sempre que se fala em combustível, é preciso ter uma alta escala de produção. A região de Piracicaba, que tinha perto de 20 usinas de açúcar e álcool, hoje tem quatro e moendo a mesma quantidade. Quer dizer, é um processo de eficiência e de concentração da gestão agroindustrial, não mais uma propriedade da família. Alguns grupos empresariais hoje têm ações na Bolsa de Nova York. Para outras culturas também existe essa possibilidade, mas o próprio governo precisa estabelecer políticas para fixar o homem no campo, principalmente em determinadas regiões onde existe demanda para a agricultura de menor escala. Ou seja, não vai se substituir a cana por pinhão manso, mas vai se aproveitar os ecossistemas próprios, onde essas culturas são bem adaptadas, as regiões onde já existe o conhecimento no manejo dessas culturas pelo próprio morador, e inserir aquele indivíduo no processo produtivo, com uma fonte de renda.

**Pan rural** – Através da Fiesp, a federação que reúne as indústrias paulistas, e a área de pesquisa, os setores produtivos criaram o Conselho do Agronegócio, do qual o senhor é membro. Essa seria uma forma de dizer que esses segmentos se cansaram de esperar por políticas estratégicas por parte dos governos?

**Dechen** – Sim e não. Porque existe uma determinada estratégia de desenvolvimento da agricultura, que é demandada, com programas de longa duração, que é assumida pela gestão pública, pelos governos estaduais, institutos de pesquisas públicos e governo federal. Por outro lado, há os segmentos que exigem uma política competitiva, que são atendidos de forma mais ágil por associações, organizações de produtores e cooperativas regionais. Alguns desses segmentos são quase que independentes, como o de flores – e fala-se pouco sobre flores no agronegócio –, na cidade de Holambra, no interior de São Paulo, que desenvolve praticamente todas as suas pesquisas. Essas associações privadas acabam, então, assumindo os seus segmentos, arrecadando recursos e até ditando as demandas do setor.

**Pan rural** – Mas elas não podem exercer uma tarefa crucial, que é a de formular políticas agrícolas.

**Dechen** – De fato, elas não formulam políticas agrícolas, mas acabam fazendo com que as unidades do governo também se mobilizem. O importante é que esses arranjos privados têm a visão do contexto para onde a sociedade está indo. Não adianta, de repente, a demanda ser por um determinado produto e eu querer produzir outro, por um motivo ou outro. O segmento técnico do governo está hoje mais atento a esses fatores. O Ministério da Agricultura tem uma série de câmaras setoriais, as-

sim como as secretarias de Agricultura dos estados, onde os mais diversos segmentos estão funcionando. Portanto, quando se fala no grupo do agronegócio criado na Fiesp, vemos isso de forma muito positiva. Afinal, aquele prejuízo causado na agricultura recentemente vai se refletir na indústria em uma escala quatro ou cinco vezes maior. A crise não gera desemprego apenas no campo, gera também um efeito cascata em todos os segmentos da sociedade, inclusive no setor urbano.

**Panrural** – Como os institutos de pesquisas e de ensino são impactados pela ausência de políticas agrícolas?

**Dechen** – Talvez não seja o fato de sofrermos um grande impacto; o que ocorre muitas vezes é nós não sermos ouvidos. A pesquisa não tem a resposta imediata para todos os problemas. Quando se desenvolve um projeto de biotecnologia, não se está resolvendo um problema para aquele momento, para um problema específico, mas preparando a solução de uma série de outros problemas que poderão ocorrer, em diferentes outras situações. Para o segmento competitivo nacional e internacional, nós temos que ter cabeças pensantes. Temos que ter uma formação qualificada de pessoas e pensar estratégias e inovações. Não se tem, nem sequer, as características de um zoneamento climático – o que um agricultor plantou, o amigo de uma outra cidade também quer plantar. Então, no sistema produtivo, precisamos ser realmente mais estratégicos.

**Panrural** – Diariamente, há um sem-número de especialistas falando em jornais, revistas e TV, aconselhando e debatendo sobre os mais diversos assuntos – boa parte temas de pouca importância para a melhoria, de fato, da vida das pessoas, mas é raro ouvir acadêmicos do meio rural. Os cientistas do agronegócio não precisariam deixar o casulo e se expor mais junto à sociedade?

**Dechen** – Tanto a academia na área do ensino quanto a parte da pesquisa são, de fato, muito tímidas para “vender” à sociedade os benefícios que o meio rural produz. Elas não conseguem fazer esta interlocução com a sociedade, e isso é uma falha nossa porque muitas vezes os veículos de comunicação nos abrem as portas. Na Esalq, nós estamos atendendo 390 novos ingressantes este ano, que, dentro de 4 a 5 anos, serão 390 novos profissionais no mercado. Isso em uma escola, mas somando todas as outras do Brasil, nós temos, então, que ter uma mentalidade de formação dos nossos alunos no sentido de dialogar mais com os setores da sociedade. Ao mesmo tempo, a comunidade acadêmica e científica não tem se omitido em acompanhar o processo evolutivo da agricultura brasileira. Nós, por exemplo, temos convênios com instituições de 85 países – acabamos de assinar um convênio com a Suíça, único país da comunidade européia com o qual ainda não tínhamos. Temos convênios com escolas da França para dupla diplomação, ou seja, o nosso estudante realiza uma parte do curso aqui e outra parte na França, e temos inúmeros acordos com empresas do agronegócio no Brasil que possibilitam estágios supervisionados. São convênios tanto para o aporte de recursos para pesquisas como para bolsas de estudo.

**Panrural** – No início de mais um ano letivo, quando o senhor vê todo esses jovens ingressando na facul-



*“Nós, cientistas, somos tímidos para expor à sociedade os benefícios que o meio rural produz”*

dade, não teme por eles, que enfrentarão um mercado tão concorrido?

**Dechen** – Ainda esses dias nós tivemos a recepção dos calouros deste ano. Nós os cumprimentamos pela vitoriosa entrada na universidade, mas também os alertamos para as dificuldades que vêm pela frente. E, mesmo como diretor, eu vou continuar lecionando a eles. Pois bem, quando vemos o ingressante, com toda aquela expectativa, com toda aquela juventude e potencial para mostrar no futuro, a sensação da responsabilidade de nossa orientação é muito grande. Mas eu disse a eles que eu gostaria de estar ingressando na escola hoje. Não pela idade, pois isso seria uma vantagem muito grande, mas pelas oportunidades que a universidade apresenta hoje, muito maiores do que ela apresentava há 38 anos.

**Panrural** – O mercado, hoje, não é muito mais competitivo?

**Dechen** – A competição realmente é maior, mas as oportunidades são também muito maiores. O mercado é mais competitivo por uma série de fatores, mas existe também uma estrutura de apoio e uma oferta muito grande de possibilidades. Mas é preciso que o aluno de hoje reúna informações sólidas e se defina sobre o campo em que ele vai atuar – se na engenharia agrícola, no campo de economia, na genética, na zootecnia ou, enfim, nas demais áreas relacionadas ao agronegócio. Por fim, ele deve aproveitar todas as oportunidades que a universidade oferece, tanto na sua estrutura interna quanto nas suas possibilidades externas. No instante em que ele seguir essa seqüência, terá preparado o caminho para o seu sucesso profissional. □